

# Quando as percepções (re)configuram as periferias urbanas: os espaços do crime e os espaços do medo sob a ótica dos moradores do bairro Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN

**Caio César Gabriel e Silva**

*Graduado em História-Licenciatura pela UFRN. Possui mestrado em Estudos Urbanos e Regionais pela mesma instituição de ensino. Especializando em Ciências Criminais pela PUC-Minas e graduando em Direito pela UERN. Possui experiência na docência superior, com passagem pelo departamento de História da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, bem como lecionou Gestão Pública e Gestão Ambiental em instituições privadas de ensino superior. Atualmente é professor do Departamento de Gestão em Políticas Públicas pela UERN.*

[ccges@hotmail.com](mailto:ccges@hotmail.com)

## Resumo

*O Nossa Senhora da Apresentação, situado na região administrativa Norte da cidade de Natal, é considerado um bairro periférico. Possui extensões territoriais e demográficas significativas, sendo considerado o maior bairro da capital e de sua Região Metropolitana. O bairro constitui-se como um espaço urbano que concentra sérios contrastes sociais, econômicos e estruturais, que passam a ser externados através de problemas locais, como o da violência, fazendo com que o bairro estatisticamente ocupe a liderança nas taxas de homicídios da capital. O presente trabalho, partindo da análise empírica de três espaços distintos no interior do bairro, tem como objetivo principal analisar como os atores sociais que compõem o cotidiano do Nossa Senhora da Apresentação tecem a imagem do bairro por meio das percepções da segregação e da violência, uma vez que estas duas não são dissociadas no discurso dos moradores. O trabalho traz como principal contribuição a análise dos impactos desses olhares, que ficam evidentes na formação de estigmas sociais reproduzidos no interior do bairro, na fragmentação do tecido social e espacial e na formação de espaços pobres e elitizados no interior da comunidade abordada, confirmando a hipótese de que estamos diante de uma Nova Periferia urbana.*

## Palavras-Chave

*Percepções. Violência. Segregação. Periferia.*

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz como objeto de análise o Bairro Nossa Senhora da Apresentação, situado na região administrativa Norte da cidade de Natal, estado do Rio Grande do Norte. Formado na década de 1970, o bairro teve seu escopo de origem atrelada às políticas habitacionais empreendidas durante o Regime Militar Brasileiro (1964 - 1985), que por sua vez foram financiadas via instituições públicas de provimento da casa própria, como a Companhia da Habitação (COHAB), subordinada ao Banco Nacional de Habitação (BNH)<sup>1</sup>.

O bairro Nossa Senhora da Apresentação é considerado uma periferia aos moldes tradicionais da análise do espaço urbano que, entre tantas peculiaridades, se destaca pelas consideráveis extensões territoriais e demográficas, sendo apontado estatisticamente, nesses aspectos, como o maior bairro da capital e de sua Região Metropolitana. Em virtude do crescimento da malha urbana desordenada (entre conjuntos habitacionais de médio porte que agregam uma classe média do bairro, loteamentos irregulares e assentamentos precários que concentram as populações mais pobres), bem como do aumento substancial de sua população experimentado nos últimos dez anos, em descompasso com a atenção do poder público e a fragilidade do desenrolar de políticas sociais setorializadas, o bairro apresenta severos

contrastes sociais, econômicos e estruturais internos, como uma espécie de cópia das desigualdades estruturais e sociais do macro espaço da cidade. Somado a tantos outros dilemas, esses problemas passam a mostrar a sua face mais nua através de convulsões sociais locais, como a violência, uma vez que o bairro vem concentrando as maiores taxas de homicídios da cidade nos últimos anos.

Partindo dessa premissa, o estudo lança uma abordagem analítica crítica sobre como a população do Nossa Senhora da Apresentação tece a imagem do bairro por meio das percepções de duas importantes variáveis: a segregação e a violência. A constituição da imagem, dos discursos e da fomentação de uma cartografia imagética do espaço em estudo mostram-se como elementos fundamentais para a formação de estigmas interiores à comunidade, para a fragmentação do tecido social e espacial e para a formação de espaços pobres e elitizados no seio do bairro, bem como se constituiu como um fator decisivo para o norteamo de políticas de segurança pública em nível local.

Para tanto, a entrevista dos principais atores sociais do bairro – como lideranças comunitárias, presidentes de associações de moradores, grupos de jovens e tantos outros – mostrou-se uma ferramenta de fundamental importância metodológica, evidentemente, aliada às análises de fontes primárias, como dados estatísticos e informações

Quando as percepções (re)configuram as periferias urbanas: os espaços do crime e os espaços do medo sob a ótica dos moradores do bairro Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN

Ceilo César Gabriel e Silva

oficiais das principais instituições de prestação de serviços públicos, como a Secretária de Segurança Pública e Defesa Social, Secretaria de Serviços Urbanos e Meio Ambiente e as Secretarias de Habitação. Daí, o método da *triangulação* se mostrou como o norteador de toda a pesquisa<sup>2</sup>.

Por fim, apresentada uma diversidade complexa da constituição socioespacial do bairro, optamos por tomar como estudo de caso três localidades específicas no seio da comunidade: um conjunto habitacional (Parque dos Coqueiros, que agrega boa parte da classe média do bairro), um loteamento irregular (Jardim Progresso, formado por meio de invasões clandestinas e onde hoje se concentra as camadas sociais mais pobres do bairro) e um loteamento de transição (Vale Dourado, que já foi loteamento irregular, mas que hoje passa por um constante processo de valorização imobiliária e readequação urbana). A análise específica dessas três localidades leva-nos à conclusão de que o bairro apresenta aspectos claros de fragmentação do tecido social e espacial a partir da formação de espaços de pobreza e elitização no seu interior, assim evidenciando que estamos diante de uma periferia urbana com nova roupagem.

### 1. O “trabalhador” e o “cabra de pêia”: a figura do criminoso e do crime em meio às narrativas dos moradores do Bairro Nossa Senhora da Apresentação.

Ao iniciarmos a pesquisa de campo, especialmente trabalhando as entrevistas relacionadas à análise do espaço, concluímos de imediato que essa pesquisa seria apenas a *ponta do iceberg* como viés acadêmico de compreensão do Nossa Senhora da Apresentação<sup>3</sup>.

Essa conclusão sumária e parcial levou-nos a atentar que as narrativas de violência são aliçadas na questão espacial. Neste sentido, vimos o quão complexo é o bairro no sentido de sua formação: as crônicas e percepções acerca da violência também são poliédricas, multifacetadas e diversificadas, impedindo, assim, tratarmos o bairro sob uma perspectiva generalista, subjetiva e homogênea.

Essas crônicas não obedecem a um padrão específico e linear e, geralmente, tornavam-se mais intensas em algumas localidades e menos presentes em outras. No entanto, na maioria dos relatos, há sempre um sentimento de vitimização, em que as pessoas expõem a violência como um problema alheio, do *outro*<sup>4</sup>, violência esta que, na percepção dos moradores do bairro, é geralmente protagonizada por gangues juvenis que “se matam” pela disputa territorial do tráfico de drogas local, sendo estes também os causadores dos roubos e furtos na região:

*Aqui é tranquilo de se morar. Só que às vezes vem gente safada mexer com o trabalhador. Já fui importunado (assaltado) três vezes aqui. Mas acho que não é gente daqui, apesar de que essas safadezas hoje é um problema de todo o Brasil, concorda comigo? (Aposentado e Comerciante, 65 anos, há 10 anos mora no Bairro Vila Paraíso).*

Podemos observar na fala do aposentado algumas peculiaridades. A primeira diz respeito à dimensão da produção da insegurança local, posta pelo entrevistado como um elemento não restrito aos limites espaciais do bairro, mas como um problema generalizado em todo o país. A percepção do comerciante sobre a questão foi considerada típica no local, pois o fato de ser comerciante lhe exige um olhar diferen-

ciado acerca da violência local, visto que, em sua percepção, a questão é um problema unicamente relacionado à eficácia da segurança pública. Esta, por sua vez, traduz-se em aspectos concretos, como a presença de uma viatura policial passando constantemente na rua ou a presença de um maior efetivo policial na comunidade. A segunda peculiaridade remete-nos à formação de duas categorias presentes no discurso do entrevistado: a “gente safada” (“bandido”) e o “trabalhador”. Aqui é interessante trazer à tona a abordagem de Feltran (2011) acerca dessa divisão. Para este autor, essas categorizações giram em torno da formação do *mundo do crime*, cuja caracterização, de acordo com o autor, é a sua regência por “meio de um conjunto de códigos sociais, sociabilidades, relações objetivas e discursivas que se estabelecem no âmbito de negócios ilícitos” (FELTRAN, 2011, p. 19), o que se contrapõe diretamente ao mundo do trabalhador. Nessa perspectiva do autor, há uma clivagem, uma fronteira entre esses dois âmbitos, fronteiras que se constituem como “espaços de disputas pelos sentidos do que é legítimo social e publicamente” (FELTRAN, 2011, p. 91).

Quando o entrevistado menciona a “gente safada”, podemos presumir que estas são pessoas que não fazem parte de seu ciclo social nem de seu âmbito comunitário; trata-se simplesmente do criminoso, que está circunscrito ao mundo do crime ao qual Feltran (2011) se refere. Nessa perspectiva, o crime é um sinal de degradação moral: o mundo do crime é completamente avesso ao mundo do trabalhador e a sua prática não tem relação alguma com as conjunturas socioespaciais locais, que nos levam a entender que esta é uma alternativa de vida escolhida; ou seja, há uma conotação moralista em relação àqueles que se inserem nesse mundo.

O uso dessa polarização para distinguir quem é ou não “criminoso” é muito corriqueira no bairro e foi notada com frequência durante os depoimentos dos moradores, independentemente de seu local de moradia. A categorização de “bandidos” e “trabalhadores” também aparece sob outras denominações: entre elas, as mais comuns são “pais de família” e “cabras de pêia”. Notamos aqui a conotação do âmbito familiar como um dos pilares para a manutenção do indivíduo nos espaços legalizados. Tal perspectiva sugere uma visão sequencial dessa polarização entre os moradores, ou seja, se o indivíduo tem família, especialmente no sentido de ser o principal gerador da renda, necessariamente a ele é lançada a responsabilidade de estar ocupado em trabalhos legalizados – admitindo-se também os “biscates” –, jamais o crime podendo ser considerado alguma forma de sustento legal<sup>5</sup>.

Feltran (2008), em um dos seus trabalhos sobre a periferia paulistana, em especial o distrito de Sapopemba, mostra que essa categorização entre bandidos e trabalhadores é muito comum e atenta para o fato do surgimento de uma nova camada social naquele tecido urbano. Essa nova camada é formada por jovens que nasceram e cresceram na região a partir da década de 1990 e já encontraram uma crise nos espaços do trabalho, da família, da religião e do projeto de mobilidade. Para esses jovens,

o projeto de ascensão do grupo familiar, especialmente centrada no modelo operário do trabalho estável, não é sequer pensável. Esta geração não é mais, tampouco, migrante ou católica como a anterior (FELTRAN, 2008, p. 3).

As gerações antecessoras desses jovens são formadas pelas primeiras pessoas que chegaram ao distrito de Sapopemba durante os anos 1970, em pleno regime militar. A maioria estava empregada nos parques industriais do ABC paulista – encontrando ali enormes dificuldades estruturais para a constituição de uma moradia digna – e acabou enxergando no campo do trabalho formal um viés para a inserção na militância local, uma vez que a condição de “trabalhador” poderia lhes garantir a chegada de serviços básicos como água encanada, eletricidade e esgotamento sanitário.

A análise do referido autor sobre a periferia paulista pode nos fornecer elementos substanciais para a observação do bairro Nossa Senhora da Apresentação<sup>6</sup>, como a frequência da categorização bipolar entre “pais de famílias” e “cabras de péia”. Essa dualização social interna é vista com mais frequência pelos moradores que residem no bairro há mais tempo, ou seja, cerca de dez a vinte anos. Os relatos desses moradores são de suma importância para a constituição de um discurso imagético acerca do bairro, pois esse período de tempo corresponde justamente ao período de formação do bairro, que retroage às primeiras ondas de ocupações, sejam elas por invasão, por loteamentos ou pela compra de residência via empreendimentos imobiliários:

*Saí do interior e fui pra São Paulo. Fui morar lá porque, quando você é jovem, tem aquela questão de emprego, o irmão mais velho foi primeiro, aí depois foi levando outro, e depois outro. Aí fiquei certo tempo, e lá casei e depois voltei. Voltei pra Natal devido à questão da violência que era demais, a vida era muito corrida, você ia levar um filho na escola e não sabia o que ia acontecer. Aqui também é, mas é mais maleável do que*

*São Paulo. Assim que voltei já vim morar aqui, comprei um terreno e construí uma casa. Escolhi o Vale Dourado porque já tinha outras pessoas da família, irmãos e outros. Aí decidimos ficar todos juntos um dos outros. Quando cheguei aqui não tinha calçamento, tudo era muito areia, tudo muito imundo, não tinha casa, era muita granja. Quando eu cheguei não era Vale Dourado, era o loteamento Santarém. Meu irmão era o presidente do conselho comunitário, e tudo o que meu irmão reivindicava ia pra Santarém conjunto (Representante Comunitária, 51 anos, há 22 anos mora no bairro Vale Dourado).*

Em uma primeira análise desse discurso, é notável que os depoimentos dessa “vanguarda” do bairro são mais sensíveis às modificações nas estruturas da pirâmide socioeconômica local e da modificação do espaço, seja por meio da disposição residencial ou pelas condições da estrutura urbana local.

Essa antiga geração foi a mais comprometida com as lutas locais em busca de melhorias para o provimento de condições salubres de moradias, em que se tinha como principal pauta de reivindicação a implantação de asfalto, energia elétrica, água encanada, transporte público e serviços básicos de saúde.

O relato supracitado da representante comunitária (“Neide”)<sup>7</sup> não é um caso atípico. A trajetória de vida dos moradores do bairro sempre tem como ponto de partida a saída do interior do Estado para a capital, em busca de oportunidades de empregos ou qualquer outra forma de aquisição de renda<sup>8</sup>. Primeiramente, Neide migra em direção ao estado de São Paulo. A sua ida para a capital paulista, ocorrida ainda

nos anos 1970, está relacionada ao surto econômico brasileiro vivenciado durante o regime militar, denominado na historiografia como “Milagre Econômico Brasileiro”, que acarretou em uma onda migratória da região Nordeste em direção ao Sudeste do país, experimentada desde o decênio anterior<sup>9</sup>. A promessa de um emprego formalizado e de melhores condições de vida para os filhos em uma capital urbanizada, que provavelmente lhe ofertaria todas as condições de acesso aos serviços públicos, logo se mostrara uma alternativa de vida frustrante em virtude da não adaptação em um lugar “grande e violento”<sup>10</sup>.

Após o retorno a seu local de origem, o dinheiro poupado durante os anos de trabalho na capital paulista lhe conferiu a possibilidade de compra de um terreno na Zona Norte de Natal, especificamente no Vale Dourado<sup>11</sup>.

Como relatado, a chegada ao local era facilitada pela presença de uma rede social (família) já existente e que já se consolidara na região. Durante os primeiros anos havia muitas dificuldades, devido à ausência de toda e qualquer infraestrutura. As características rurais (“era tudo granja”) do local escolhido para morar limitavam ainda mais qualquer possibilidade de chegada de recursos públicos. Vem desse contexto a luta por melhorias no bairro através de sua inserção em movimentos locais.

A trajetória vivenciada, como a de Neide, é particular aos moradores mais antigos do bairro. Há indícios suficientes para afirmarmos que as gerações mais recentes já vivem em condições relativamente diferentes, quando nos referimos à infraestrutura e sociabilidade, do

que as dos seus pais ou avós quando chegaram no Vale Dourado. A luta ainda continua, mas não na mesma intensidade dos anos de chegada ao bairro. Os jovens já não militam tanto quanto seus antecessores, pois seus projetos futuros agora estão inseridos em um novo contexto social, econômico e político do bairro. Talvez surja daí a contraposição das categorias “pai de família” e “cabra de péia”, em que o primeiro está ligado mais frequentemente à visão dos moradores mais antigos, referindo-se às pessoas que têm ocupações no mercado de trabalho atual, sejam elas formais ou não. Já a segunda categoria parece nos remeter a essa nova geração, a uma parcela da juventude do bairro que nasceu cresceu na região, mas sob uma nova roupagem.

## 2. “A bandidagem é lá de baixo”: os espaços das narrativas do crime e da segregação

Essa dualização através da perspectiva do trabalho é presente em todos os discursos que permeiam a construção de um mapa imaginário do bairro. A questão do crime e da violência acaba por ganhar uma conotação de conflito também espacializado e, na perspectiva dos moradores do Nossa Senhora da Apresentação, a predominância de um desses dois grupos em quaisquer locais dali pode ser primordial para a constituição de um Nossa Senhora da Apresentação imaginado ou real, violento ou pacífico. As consequências da espacialização por meio da bipolarização social é irrefutavelmente uma fragmentação do tecido urbano, assim como também social:

*Os problemas que acontecem no bairro são provenientes lá de baixo (Jardim Progresso). Quando minha mãe me liga e pergunta se pode me visitar devido ao medo das mortes aqui eu digo a ela*

Quando as percepções (re)configuram as periferias urbanas: os espaços do crime e os espaços do medo sob a ótica dos moradores do bairro Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN

Caito César Gabriel e Silva

*que nada disso tem onde moramos. Aqui onde moro é o centro do bairro. As pessoas têm condições melhores e vivem em boas casas. Para você ver, logo ali na esquina mora o comandante geral da guarda municipal de Natal, isso é ser violento? Aqui temos postos de saúde, posto policial e outras coisas boas. Em breve, traremos o PRONASCI<sup>12</sup> para ser implantado no Conselho Comunitário devido a sua boa localização (Representante Comunitário, 35 anos, há 10 mora no bairro. Planície das Mangueiras, Vale Dourado).*

A violência é um dos fenômenos mais importantes que consolida as concepções imagéticas e também reais acerca do Nossa Senhora da Apresentação, sejam elas por meio de seus moradores ou não. É justamente através dessas variadas perspectivas que o bairro vai tomando corpo, sendo construído complexamente como o trabalho de uma senhora rendeira, que de fio em fio, de nó em nó, jogando seus *bilros*<sup>13</sup> uns sobre os outros, de maneira confusa, incessante e meticulosa, acaba por formar um grande manto, de múltiplas cores vibrantes, repleto de pequenos detalhes e nada monocromático.

Na entrevista mencionada – especificamente no trecho que afirma que “os problemas que acontecem no bairro são provenientes lá de baixo” –, a violência remete, assim como no relato do comerciante, exclusivamente a outros espaços distantes dali. Aparentemente, o que pode ser palpável daquele fenômeno são apenas as suas consequências no que tange aos assaltos e furtos na região, ou quando os crimes são noticiados pelos jornais policiais televisivos.

Entretanto, a percepção de que a criminalidade violenta é uma especificidade de alguns setores do bairro acaba gerando consequências ainda mais perversas que passam despercebidas a uma análise superficial da questão: o sentido de tranquilidade ou paz reinante é controverso na medida em que, em algumas partes do bairro (como Icapuí e Planície das Mangueiras)<sup>14</sup>, é notável uma quase generalização no padrão de residências locais, dotadas de diversos mecanismos de segurança, como muros altos, cercas elétricas, grades de portas e janelas, “pega ladrão” (grampos metálicos pontiagudos situados no topo dos muros) e câmeras<sup>15</sup>.

Para o morador do loteamento Planície das Mangueiras, as condições estruturais do conjunto, assim como a disponibilidade de seus equipamentos urbanos, são garantias da inexistência da violência. A centralidade do local, como posto no trecho, impossibilita que o conjunto receba peculiaridades de periferia<sup>16</sup> e, assim, atraia pessoas de níveis socioeconômicos que o bairro talvez não esteja tão adaptado a receber, como é o caso do funcionário público, ocupante de uma alta patente na esfera administrativa que reside “logo ali na esquina”, ou mais especificamente, um “pai de família”.

No mesmo senso de análise do morador do Icapuí, há uma forte preponderância entre os moradores do Nossa Senhora da Apresentação da ideia de que a disponibilidade de serviços públicos de infraestrutura e sociais (como escolas, creches, postos de saúde, calçamento, iluminação pública, esgotamento e postos de policiais) é um fator chave, se não determinante, para a contenção ou predisposição para o desencadeamento da violência local. No entan-

to, nota-se que, no argumento do entrevistado, essa relação dá-se de maneira inversa, ou seja, ali os serviços essenciais chegaram não devido à existência de uma violência localizada, mas sim porque lá é o “centro”, local privilegiado.

No decorrer das entrevistas, a ideia de que a violência é um fenômeno intrínseco aos problemas de urbanização é unânime:

*Lá sim (No Jardim Progresso) tem violência. Mas eu vou te dizer o porquê: Você andou lá dentro do bairro? Rua por rua? As ruas de lá estão parecidas com as daqui? Pronto, pois ele (o crime) migrou pra lá. É uma própria estatística da polícia. Lá, pelo fato de ser mais distante, como dar mais chance de esconderijo pra eles (“criminosos”), tem aquelas ruas ainda que não estão bem habitadas, aqueles terrenos que tem lixões, e esse negócio de catador, que cata lixo, cata reciclagem naqueles bequinhos, naquelas ruazinhas. Agora comece a levar pra lá a estrutura de calçamento, de drenagem, que o crime vai migrar pra outro lugar. Porque aqui quase todas as ruas são calçadas, mais fácil pra os polícias de moto e viatura andarem. Lá tem dificuldade e com certeza tem muita boca de fumo. Aqui por trás da minha rua tinha umas bocas de fumo, depois que ajeitaram saíram tudo de lá* (Representante Comunitário, 51 anos, há 22 anos mora no bairro. Vale Dourado).

A reestruturação urbana local, para a maioria dos moradores do bairro, é considerada um divisor de águas, já que as péssimas condições de estruturas locais incidem diretamente sobre o indivíduo. Uma vez eliminados esses problemas, o crime, enquanto resultado imediato da degradação ambiental, acabaria por “migrar para outro lugar”<sup>17</sup>.

Assim, na relação entre crime e ambiente, o crime é tratado como um conceito abstrato, que não parece estar atrelado a uma conotação de fenômeno social, mas pura e simplesmente ambiental. Nesta perspectiva, ao passo que fossem resolvidos os problemas do descaso do serviço público para com as necessidades essenciais, o problema do crime também seria solucionado.

Notamos que a criminalidade e, consequentemente, a violência, vão se diluindo no discurso do morador do Vale Dourado. Estas fizeram parte do cotidiano daquele loteamento em um passado distante, mas agora são imperceptíveis. O seu sentido parece ser abstrato e passageiro e nota-se que, uma vez chegado o “progresso”, o problema passou a ser rotina de outro lugar, do vizinho, a poucos metros dali, um lugar que mesmo dentro do mesmo bairro, parece ser de uma realidade completamente distante. Este lugar mostrou-se um espaço propício para a expansão do mundo do crime por não ter condições de vida salutar e por agregar pessoas com um baixo nível de renda, como “os catadores de latinha.”

No entanto, a urbanização parece não garantir a promoção total da cidadania para alguns moradores do bairro. As condições de infraestrutura podem melhorar, mas isso não apaga a imagem de um lugar pobre em que residem “operários e vagabundos”. O tratamento dado por agentes do Estado, em especial os órgãos de segurança pública, ao morador mostra que a mácula da segregação ainda é muito forte:

*Um dia passou três policiais em cavalos, e abordaram rapazes ali, e chegaram daquele jeito. Eu vi, e disse que não era assim, e eles perguntaram quem eu era. Eles disseram que não estava escrito na testa quem era bandido. Será que todo*

**Quando as percepções (re)configuram as periferias urbanas: os espaços do crime e os espaços do medo sob a ótica dos moradores do bairro Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN**

*Caito César Gabriel e Silva*

*morador daqui é bandido? Acho que a diferença é que hoje eles estão mais preparados* (Representante Comunitário, 51 anos, há 22 anos mora no bairro. Vale Dourado).

Devido ao caráter patrimonialista em que os órgãos de segurança pública brasileiros foram historicamente formados, é de se estranhar que moradores de locais elitizados e de forte centralização econômica das cidades do país sejam abordados e, quando o são, durante procedimento rotineiro, isto ocorre, no mínimo, como reza o regulamento. Não é toa que casos de violência policial envolvendo moradores de classe média ou alta de alguma cidade do país tendem a ganhar uma maior dramaticidade apelativa pela mídia<sup>18</sup>.

O interessante é que a disparidade de tratamentos corriqueiramente acontece entre moradores de periferia e zonas elitizadas das cidades brasileiras. No entanto, esse padrão é quebrado quando observamos o bairro Nossa Senhora da Apresentação. Partindo da análise das entrevistas, notamos que esses tratamentos também são diferenciados, dependendo do local de residência do morador do bairro. Esses relatos ganham maior teor substancial e explícito de violência policial quando as características de periferização vão se tornando mais claras no interior da região, como ocorre, por exemplo, no Parque dos Coqueiros, onde fragmentos de histórias que envolvem quaisquer formas de violência por agentes de segurança são escassos, e por algumas vezes são até justificados, quando se trata de alguém com “más intenções”. Já no Jardim Progresso, a realidade modifica-se e as mais

variadas formas de excesso de autoridade não são raras, em especial quando direcionadas a adolescentes<sup>19</sup>.

A espacialização da violência no Nossa Senhora da Apresentação, seja ela organizada ou espontânea, é o fator principal para a produção de um discurso acerca do bairro, sob o prisma da população local. Em relação a essa questão, abrimos aqui parênteses para uma breve observação: o emprego do método qualitativo na pesquisa torna-se ainda mais interessante na medida em que o pesquisador passa a ser sensível aos gestos, olhares, sentimentos e ideias de seus entrevistados<sup>20</sup>. Corriqueiramente estivemos a par de situações de moradores que mostraram sensações de extrema sensibilidade e sinceridade ao relatarem suas trajetórias de vida, seus dilemas pessoais, suas relações com a comunidade, seus olhares sobre a violência e expectativas futuras sobre o seu local de moradia. Já outras, nem tanto<sup>21</sup>. Sendo assim, o emprego das entrevistas e suas respectivas análises foi importante por dois motivos: primeiro, porque a construção de um discurso imaginário, ou a fomentação gradual de um mapa, ou uma cartografia pessoal do bairro, jamais poderia ser observada por meio de métodos quantitativos, uma vez que as trajetórias de vida dos moradores e suas relações com o espaço e a comunidade forneceram elementos fundamentais para compreendermos como se dá esse processo de construção; segundo, esses sentimentos ou reações mais íntimas dos entrevistados, que afloravam no decorrer das conversas, serviam como elementos substanciais e reais para o entendimento de sua visão sobre as mais variadas localidades no seio do bairro (desprezo, medo, tensão ou até mesmo

preconceitos). Assim, fomos montando esse grande quebra cabeça que é o Nossa Senhora da Apresentação:

*Já roubaram muito carro aqui. Assim, o Jardim Progresso explodiu, muita gente de interior, e aí às vezes o pai não é vagabundo, mas o filho, o garoto de 14 anos é. O (bairro) Nossa Senhora da Apresentação é complicado. O coração, a célula propulsora da criminalidade se chama Jardim Progresso* (Representante Comunitário, 70 anos, há 19 anos mora no bairro, Parque dos Coqueiros).

As maneiras de “pintar” o bairro são variadas e uma delas pode ser percebida nas palavras do representante sobre seu espaço de vivência cotidiana. Acima, nas palavras mencionadas acima por “Seu Gabriel”, é nítido como a tentativa de *imaculação* do âmbito comunitário, quando se trata de violência, fica evidente em sua percepção: no conjunto, o crime não é resultado dos fatores locais, mas um problema exportado de outro ambiente que parece não pertencer ao mesmo espaço. Em um conjunto habitacional em que seus moradores recebem suas faturas mensais de consumo de energia elétrica discriminada como para “classe B”<sup>22</sup>, o crime e a violência são fenômenos confinados aos locais mais pobres, que concentram uma parcela de retirantes interioranos ou da periferia.

Nessa perspectiva, a violência assume um caráter de exclusividade espacial, não sendo à toa a presença de metáforas como “coração” e “célula propulsora”. A primeira tem um sentido vital para o homem, por se tratar talvez do órgão mais importante para a manutenção da vida, que tem como finalidade anatômica bombear o sangue por todo o corpo; assim se-

ria o Jardim Progresso, local que, da perspectiva dos moradores, exporta o crime e a violência para outras localidades. Já a utilização do termo “célula propulsora” parece receber uma conotação de enfermidade, quando células doentes do corpo humano contaminam as boas; assim metaforicamente é o Jardim Progresso para os moradores do bairro, local em que moram migrantes, trabalhadores, mas cujos filhos são bandidos e ameaçam a paz local. Sendo assim, o Parque dos Coqueiros assume, na malha urbana local, a posição espacial passiva do crime, onde residem “pessoas de bem”, sujeitas a se tornarem as vítimas dos criminosos no bairro:

*Há 19 anos, aqui era bem mais flexível. Mas sabe por quê? Tinha muitas casas vazias. Tinha muitas casas desabitadas. Aqui era tudo muito aberto. Não tinha aquela encurrada de celular, e só começou a chamar atenção ao longo do tempo. Mas já levaram três bicicletas minhas daqui. Uma foi um vizinho meu. Já em outra, o cara de cinco horas manhã pulou o muro daqui e levou. Na medida em que foi ficando mais densa, e era todo mundo de bicicleta bonita, carro e celular, muita gente não tinha carro, aí começaram a roubar aqui. Já roubaram muito carro aqui* (Representante Comunitário, 70 anos, há 19 anos mora no bairro. Parque dos Coqueiros).

Para “Seu Gabriel”, o aumento do poder aquisitivo de consumo da população do Parque dos Coqueiros, que veio com o passar do tempo, seria um fator preponderante para a atração de crimes na região. As recordações do senhor acerca de seu espaço de moradia remetem-nos à ideia de Halbwachs (1990). Para o autor, as memórias são rememorações coletivas e as rememorações individuais são lembranças,

**Quando as percepções (re)configuram as periferias urbanas: os espaços do crime e os espaços do medo sob a ótica dos moradores do bairro Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN**

Caito César Gabriel e Silva

mas que jamais se desprendem da sociedade. No entanto, as duas se articulam, uma vez que as individuais são lembranças resultantes da interação entre o indivíduo e as memórias de diferentes grupos. As memórias são alicerçadas também no espaço, apesar deste não ser um dos fatores-chaves para a sua manutenção. Ainda para o autor, quando um lugar é alterado, as memórias coletivas e consequentemente as lembranças individuais também o são. Baseado nessas ideias, as lembranças do senhor sofreram influências derivadas da modificação do espaço: ao remeter o seu tempo de chegada ao lugar (“há 19 anos atrás”), as características do conjunto ganham uma conotação mais saudosista, em que a baixa aglomeração populacional era um dos motivos da calma e da tranquilidade local, transformando, em sua mente, a imagem do Parque dos Coqueiros em um cenário tipicamente bucólico<sup>23</sup>.

Já o aumento consumista da população daquele conjunto remete-nos a uma concepção de cunho marxista em relação ao capital, ao trabalho e ao consumo. O trabalho é garantia de condição do *status* de “cidadão de bem que paga os seus impostos” e a exposição dos seus bens de consumo (“era todo mundo de bicicleta bonita, carro e celular”), os quais adquiriram de maneira “honesto”, é uma condição de ostentação que diferencia o indivíduo no meio social. Por sua vez, essa ostentação consumista material seria como um forte atrativo para aqueles que não os tem. A pobreza material e o poder do *fetichismo* trariam graves consequências para a imagem do conjunto.

É importante ressaltar, no decorrer da fala dos entrevistados transcritas até aqui, que a

criminalidade e a violência são adjetivos que caracterizaram exclusivamente o Jardim Progresso. Nessa ideia, os assaltos e roubos, apesar de se constituírem como crimes (crimes patrimoniais), são modalidades pouco vistas pelos moradores do bairro como uma demonstração de violência. A violência recebe a conotação de banalização da morte e, assim, ela acaba se tornando, na percepção popular, um atributo específico das localidades mais pobres do Nossa Senhora.

Se há violência (seja no Vale Dourado ou no Parque dos Coqueiros), é porque os agentes não são dali, são de outro local, são “lá de baixo”. Há a construção de um consenso de que o Jardim Progresso, por ser um local violento, teria moradores predispostos a reproduzirem essa violência, como em um efeito biológico de cunho Neo-Darwinista<sup>24</sup>, em que as características ambientais justificam o comportamento do indivíduo:

*O terreno fica bem em frente ao hospital Maria Alice Fernandes, e as margens da BR 101 que liga Natal a Extremoz. A área de aproximadamente quatro hectares já foi uma favela. Os posseiros foram todos transferidos para o loteamento Jardim Progresso. Ultimamente o local tem sido utilizado para a prática de esportes. Há uma pista de motocross, e talvez por isso, a reocupação da área não esteja mais avançada, ressalta o presidente da associação de moradores do Parque dos Coqueiros, que diz já ter procurado a prefeitura desde o início do ano para resolver o problema – em março deste ano, quando as pessoas começaram a cercar. Eles dão um tempo e começam a fazer o alicerce e começam as construções. Isso vem acontecendo há muito tempo aqui – revela Henrique*

*Santos, presidente da associação do Parque dos Coqueiros. O que chama a atenção nisso tudo, é que apesar dessa construção ter sido erguida numa área pública, possui medidor da Cosern, que veio aqui e fez a ligação como em qualquer outro imóvel da cidade que tem documentação legal. A secretaria municipal de meio ambiente e urbanismo (Semurb), e o departamento nacional de infraestrutura de transportes (DNIT) são os responsáveis pelo terreno que, além de pequenas construções de alvenaria, onde famílias já habitam, possui trechos demarcados com cerca, alicerces iniciados e pilhas de tijolos ao lado para ampliar o imóvel ou quem sabe revender e até lucrar com uma área que deveria estar sendo usada para a realização de projeto importante da comunidade. Poderia ser uma área mais aproveitada pelos órgãos públicos. A comunidade esperava que essa área fosse bem aproveitada, porque é uma área imensa, quer dizer podia ser uma área para coisas muito mais produtivas. Enquanto não fizerem a realização desses projetos que estão aí, vai acontecer isso, o pessoal vai invadir, é isso que a comunidade tem medo – comenta o presidente da Associação de moradores (Disponível em: <<http://in360.globo.com/rn>> Acesso em: 29 fev. 2010. Grifos nossos)<sup>25</sup>.*

No Parque dos Coqueiros, vemos como a carga do medo influencia a construção da imagem do outro. A coisa “mais produtiva” na perspectiva do presidente da associação dos moradores seria a implantação de serviços que atendessem às expectativas dessa comunidade com traços mais elitizados do bairro, como a construção de uma universidade. A desocupação do terreno gera uma grande preocupação por parte de seus moradores, pois a convivên-

cia com “intrusos” suscita o medo: a possibilidade de dividir o mesmo espaço residencial é vista mais como um problema do que uma solução para os sem-tetos, uma vez que os moradores procuraram órgãos públicos responsáveis pelo assunto. A notícia exposta-se encaixa perfeitamente no que Coimbra (2001) denomina de “classes perigosas”, em relação a segmentos sociais que sempre viveram às margens da estrutura socioeconômica brasileira, seja pela condição de trabalho ou raça, sendo continuamente vítimas das mais variadas formas de eliminação sistemática do Estado promovidas pelas elites nacionais, incluindo remoções e alocações espaciais dos “perigosos” para outras zonas, uma vez que “a pobreza, por sua natureza, é interpretada como um iminente perigo social” (COIMBRA, 2001, p. 95).

As ideias de crime, violência e pobreza misturam-se e passam a habitar o imaginário social local de modos distintos, dependendo da relação entre o morador, a comunidade e o espaço. Por exemplo, os moradores do Parque dos Coqueiros atribuem ao crime a ideia de transgressão normativa ao código penal, dando a ele um sentido mais restrito da palavra, um caráter hediondo<sup>26</sup>: o homicídio, o latrocínio, o estupro e o tráfico de drogas são as principais modalidades de contravenções que afirmam ser mais presentes apenas em algumas localidades do bairro<sup>27</sup>.

Selecionando as tipologias de crimes, os moradores elaboram uma cartografia imaginária da violência no bairro<sup>28</sup>, espacializando territórios em que o crime está presente de forma intensiva ou não, e também onde o criminoso atua. O resultado dessa espaciali-

**Quando as percepções (re)configuram as periferias urbanas: os espaços do crime e os espaços do medo sob a ótica dos moradores do bairro Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN**

Caito César Gabriel e Silva

zação é uma segregação dentro de espaços já segregados, uma espécie de subsegregações, ou ainda, a produção de estigmas no seio de um mesmo bairro:

*Hoje vivemos sitiados entre Olho D'Água, Goilandim, Vila Paraíso e Vale Dourado, uma flecha de leste, oeste, norte e sul. Os casos que temos aqui é em relação a assalto, roubo. Uma vez teve só um estupro aqui. Como é que você deixa seu filho ir comprar pão sozinho e não fica de campana? Você tem que precaver também”* (Representante Comunitário, 70 anos, há 19 anos mora no bairro. Parque dos Coqueiros).

A condição de local “sitiado” passa uma ideia de que o conjunto, pela ótica de seus moradores, vive sob a constante ameaça da presença do crime e da violência. A expressão “flechas”, que nos remetem às antigas cenas de filmes do gênero (*Far West*, ou faroeste), mostra o quanto é expressiva a construção das percepções acerca dos conjuntos ou loteamentos vizinhos, que parecem receber uma conotação expressamente negativa fundida entre um âmbito bárbaro e violento.

Portanto, de um modo geral, a partir da análise das entrevistas, vemos que o mapa do bairro, traçado a partir dos relatos de seus moradores pautados sob a perspectiva da segregação e, conseqüentemente, da violência e do crime, forma um bairro difuso e complexo. Em um caso hipotético, se tentássemos imaginar o bairro Nossa Senhora da Apresentação por meio das narrativas de seus moradores, a despeito da violência local, basicamente teríamos o esboço de um funil, pois quando traçamos as narrativas no espaço, vemos que elas vão se fechando, tornando-se cada vez menos corri-

queiras e mais fragmentadas: imaginando ser o material que escorre pelo funil a violência e sendo o próprio funil a constituição dos conjuntos e loteamentos que formam o bairro, ele teria como ponto de partida o loteamento Jardim Progresso (boca do funil, alargada), onde as narrativas de violência local foram mais consistentes e intensas; passando pelo Vale Dourado (corpo do funil, transição entre a parte mais espessa e fina), onde a violência já fora considerada pelos moradores um problema central, porém com a condição de segregação extinta a violência também desaparecera, e chegando ao Parque dos Coqueiros (parte final do funil), onde os relatos de violência tornaram-se mais comprimidos, quase imperceptíveis.

O resultado final que escorre desse funil é uma mistura de percepções pessoais acerca do bairro, que acaba tornando-o espaço intensamente amplo e variável. Sua generalização seria, e ainda é, um erro fatal, principalmente para a formulação e implementação de políticas públicas localizadas, em especial as de segurança pública. Qualquer forma de planejamento e concretização de programas partindo da concepção de que o bairro é regular nega as suas particularidades socioespaciais e a tendência é irremediavelmente o fracasso. Sendo assim, a violência é uma tinta policromática responsável por preencher os contornos do mapa do bairro, deixando-o demasiadamente colorido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo tratado nesse artigo tem como centralidade de abordagem a periferia urbana como uma categoria analítica da segregação urbana, mais especificamente o bairro Nossa Senhora da Apresentação, localizado na Re-

gião Administrativa Norte da cidade de Natal. A temática da periferia, constituindo-se como objeto de ampla discussão acadêmica e envolvendo assim várias áreas do conhecimento, ainda nos apresenta obstáculos teórico-metodológicos a serem rompidos ou, pelo menos, melhor compreendidos. O assunto continua a nos remeter ao embasamento de uma relação dicotômica, ou basicamente conflituosa, entre as duas grandes partes da cidade: o *centro*, porção dotada de ampla oferta de infraestrutura, onde as classes mais abastadas concentram-se e modelam o espaço urbano de acordo com seus anseios; e a *periferia*, localidade majoritariamente formada por segmentos sociais mais pobres, onde os problemas – dos mais variados aspectos, como a oferta de infraestrutura precária, a decadência dos serviços básicos públicos, a presença de uma violência desencadeada principalmente entre sua população mais jovem e as reduzidas oportunidades de emprego e educação oferecidas à população – são fatores responsáveis pela modelação do espaço e estru-

turação da comunidade local.

A partir do momento em que a pesquisa constata que o bairro em estudo é bem descrito pelo arsenal analítico da categoria Nova Periferia – entendida aqui como espaço constituído de variados graus de precariedade urbana e de condições sociais, ou seja, pela heterogeneidade de seus conteúdos - esse fator nos permite concluir que: a) de fato, um olhar micro (do território e das relações sociais) mostra que o bairro é muito diversificado e que os moradores repetem os padrões de segregação para o interior do bairro, corroborados por meio da ocupação estratégica do espaço; b) essas disparidades internas constituem-se como um verdadeiro motor que alimenta, ou acirra, uma distinção entre os próprios moradores, reforçando estigmas sociais existentes, que vêm a construir processos negativos para a atuação de movimentos sociais locais, assim como para outras formas de ativismos.

**Quando as percepções (re)configuram as periferias urbanas: os espaços do crime e os espaços do medo sob a ótica dos moradores do bairro Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN**

*Caito César Gabriel e Silva*

1. Regulamento (UE) n.º 1077/2011 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 25 de outubro de 2011, que cria uma Agência europeia para a gestão operacional de sistemas informáticos de grande escala no espaço de liberdade, segurança e justiça.
2. Para mais informações a respeito da metodologia empreendida no estudo, conferir Silva (2012).
3. A conclusão citada não se refere à finalização do trabalho por completo, ou seja, em confirmar a hipótese que inicialmente fora levantada para o norteamento da pesquisa. A conclusão à qual nos referimos está relacionada diretamente à conclusão de que o objeto da pesquisa é de uma enorme complexidade e levar-se-ia tempo em estudá-lo.
4. Para Fraga (2002, p. 53), o outro não é “aceito como tal, como diferente, mas é assimilado, diluído por mim como um si mesmo. O outro se reduz à bitola do meu próprio eu”. Ainda para o autor, a “sensibilidade humana está mutilada, e a animosidade com o outro constitui a base segura para a perpetuação da violência” (idem).
5. O termo *biscate* também foi perceptível na maioria dos relatos e entrevistas no campo. *Biscate* refere-se a trabalhos informais, sem qualquer forma de segurança trabalhista, e que auferem rendas muito baixas às famílias. Os “*biscateiros*” mais comuns são homens que não possuem capacitação profissional técnica e às vezes não têm o estudo completo. Sua garantia de renda é feita com trabalhos manuais, como a limpeza de quintais, coleta de lixos para reciclagem, realização de algum reparo nas redes elétricas ou hidráulicas de seus vizinhos. A recompensa vem de alguns trocados, alimentos ou favores.
6. Aqui deixamos claro que as periferias brasileiras não são uniformes no que se refere a suas composições socioeconômicas e aos seus contextos históricos e espaciais de formações. Utilizamos as referências de Feltran (2008, 2011) para expor algumas similaridades no que se refere à metodologia e resultados encontrados na pesquisa de campo.
7. O nome é fictício, já que a delicadeza do tema da violência no bairro gerou constantemente receio de ameaças ou alguma forma de vingança privada. Daí a preservação da identidade do entrevistado.
8. 95% dos entrevistados nessa pesquisa são provenientes do interior do estado do Rio Grande do Norte, e foram morar no bairro por diversos motivos, mas o mais frequente foi a possibilidade de acesso à terra, devido aos baixos preços dos lotes. Os demais são migrantes oriundos de bairros vizinhos ou da Zona Norte de Natal.
9. Os censos do IBGE mostram que durante a década de 1960, 13 milhões de pessoas trocaram o campo pela cidade; e na década posterior esse número saltou para 15,5 milhões. Isso mostra que, desde 1970, quando a população rural passou a ser minoritária, até os dias de hoje, mais de 40 milhões de brasileiros migraram do campo para a zona urbana (Gonçalves, 2001). No depoimento da entrevistada, ficou evidente que a ida para São Paulo se deu pela irradiação econômica que essa capital exercia sobre o restante das cidades brasileiras e, assim, a busca por emprego foi fundamental.
10. Percepção da entrevistada sobre a cidade de São Paulo.
11. Silva (2003, p. 141) mostra que o valor comercial dos lotes no Vale Dourado, entre as décadas de 1970 e 1980, eram bem abaixo do mercado. Isso pode ser constatado por meio da entrevista com um agente loteador que o pesquisador realizara na época, onde foi informado que os valores variavam entre “1 salário mínimo ou o 13º do trabalhador”.
12. PRONASCI é o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania. Esse programa é uma iniciativa do Ministério da Justiça, em parceria com os governos estaduais, municípios e sociedade civil. O estatuto do programa é considerado inédito, uma vez que este prioriza “políticas de segurança com ações sociais; prioriza a prevenção e busca atingir as causas que levam à violência, sem abrir mão das estratégias de ordenamento social e segurança pública. Entre os principais eixos do Pronasci destacam-se a valorização dos profissionais de segurança pública; a reestruturação do sistema penitenciário; o combate à corrupção policial e o envolvimento da comunidade na prevenção da violência. Para o desenvolvimento do Programa, o Governo Federal investirá R\$ 6,707 bilhões até o fim de 2012”. Ver mais em: [www.portal.mj.gov.br/data/Pages/](http://www.portal.mj.gov.br/data/Pages/).
13. *Bilros*: instrumento de madeira ou metal usado por rendeiras na confecção de um tipo especial de renda.
14. *Icapuí* e *Planície das Mangueiras* são dois novos loteamentos formados por conjuntos habitacionais no interior do Vale Dourado.
15. No *Icapuí* e *Planície das Mangueiras* a pesquisa encontrou certa dificuldade no que se refere ao diálogo com seus moradores. Muitos moradores receberam o pesquisador pelo lado de dentro das casas ou por interfone, sempre perguntando se a pesquisa era de fato verdadeira. Porém, o cunho dessa pesquisa não é fomentar um senso julgador quanto ao comportamento da população local, e sim apenas compreendê-la. É importante lembrar que esse comportamento dos moradores não é exclusividade dessa localidade, pois encontramos níveis de desconfiança e medo ainda maiores em outras regiões do bairro.
16. A ideia de centralidade e periferia contida no discurso do entrevistado refere-se de fato à concepção mais utilizada pelo senso comum e que foi bastante empregada no âmbito acadêmico durante os anos 1950, em que a periferia remete a espaços desprovidos de qualquer infraestrutura e políticas sociais, sendo o centro seu oposto. É uma perspectiva que atende a um modelo de cidade dual (LAGO, 2000).

17. *O “crime migra” foi uma expressão corriqueiramente utilizada por setores de segurança pública. Esse termo está presente em todas as entrevistas contidas nessa pesquisa e a constante utilização dessa denominação está ligada ao fato de que o bairro é o alvo pioneiro de um projeto de polícia comunitária durante a gestão da governadora Rosalba Ciarline (2010-2014), o Comunidade em Paz, que contempla três subprojetos, entre eles o Ronda Cidadã. A parceria entre a comunidade e a Polícia Militar era uma das filosofias do programa, onde em reuniões periódicas entre as entidades representativas do bairro e a PM eram esboçadas metas, planos e resultados. O projeto estagnou pouco depois de sua implementação.*
18. *Peres; Cardia; Neto; Santos e Adorno (2008) mostram em seus estudos, em especial análises quantitativas realizadas na região metropolitana de São Paulo, que os locais que apresentam os piores índices de desenvolvimento social e alta carência material são os mais propícios a serem alvos de violência policial, atuação de grupos de extermínios e esquadrões da morte. As causas para essa violência são inúmeras, inclusive as péssimas condições estruturais das forças policiais e o estigma pré-concebido a que os moradores das periferias metropolitanas estão sujeitos.*
19. *De acordo com Porto, os atos de violência policial são frutos de um longo processo de crise dos mecanismos de segurança, em que “este tipo de violência transita nos limites tomados frágeis entre a violência legítima (exercício do monopólio do Estado) cujo agente é a autoridade policial, e a violência ilegítima, enquanto desdobramento desta mesma autoridade” (PORTO, 2000, p. 197). De certa forma, a fragilidade é existente nas péssimas condições estruturais dos agentes de segurança, com consequências oriundas também das condições pobres de inserção social. Para a autora, esses indivíduos estão localizados marginalmente na escala de prestígio social, porém, ainda detêm, através do ato, mesmo de intervenção policial, poder e autoridade, o que significa, no limite, poder sobre a vida e sobre a morte (PORTO, 2000, p. 198).*
20. *Recomenda-se a leitura de Feltran (2011) para compreender o que esses comportamentos dos entrevistados têm a dizer à pesquisa.*
21. *Durante a pesquisa de campo, alguns dos entrevistados geralmente tendiam a confundir a pesquisa com matérias jornalísticas. Os comportamentos variaram bastante e, se em alguns discursos era possível notar a real intenção do entrevistado, em outros predominava um tom de sensacionalismo, com falas prontas e ensaiadas, especialmente daqueles que tinham pretensões políticas para com a comunidade.*
22. *Esse trecho foi retirado da longa entrevista com o representante, na qual ele justifica a ausência do crime e da violência no conjunto. A lógica percebida foi que, se o Parque dos Coqueiros é um lugar onde as empresas (privadas e públicas) de serviços o consideram como um local majoritariamente formado por uma classe média, ele jamais pode ser considerado como um reduto de “criminosos”, ou seja, o crime está alicerçado à condição de pobreza. O conceito de crime e violência é carregado com um teor puramente socioeconômico, que não é raro entre as múltiplas maneiras de perceber o bairro.*
23. *Apesar da nostalgia sentida no discurso do entrevistado, durante a conversa ficou claro que, nos primeiros anos de existência do conjunto do Parque dos Coqueiros, havia enormes dificuldades para os moradores dali no que se refere à infraestrutura.*
24. *O neo-darwinismo, conhecido também como o darwinismo social, refere-se à aplicação das teorias das ciências naturais elaboradas pelo cientista inglês Charles Darwin (1809-1882) ao campo social. Essa corrente de pensamento afirma, de um modo geral, que a “seleção natural pressiona as espécies no sentido de adaptação ao ambiente, obrigando-as a se transformar continuamente com a finalidade de se aperfeiçoar e garantir a sobrevivência. Os desvios interpretativos do darwinismo social, pautados no preconceito e em interesses particulares, geraram erros catastróficos” (COSTA, 2005, p. 51).*
25. *O nome da matéria é “Moradores do Parque dos Coqueiros denunciam a ocupação ilegal de terreno no bairro: Comunidade espera que o terreno seja utilizado para construção de uma universidade”.*
26. *São considerados hediondos, pela doutrina jurídica, os crimes que geram um sentimento maior de repulsa por parte da sociedade e que, conseqüentemente, tem penas mais restritivas em relação a outros crimes.*
27. *Roubos, furtos e assaltos à mão armada também foram citados como principais formas de crimes.*
28. *Um mapa que só existe na memória do entrevistado, mas que é constituído a partir de suas experiências cotidianas, sua relação com a comunidade, sua forma de ver o bairro e a construção de suas lembranças. Este termo foi retirado de Gomes (1994).*

**Quando as percepções (re)configuram as periferias urbanas: os espaços do crime e os espaços do medo sob a ótica dos moradores do bairro Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN**

Caio César Gabriel e Silva

## Referências bibliográficas

COIMBRA, Cecília. **Operação Rio: O Mito das Classes Perigosas: Um estudo sobre a Violência Urbana, a Mídia Impressa e os discursos de Segurança Pública**. Rio De Janeiro: Oficina do Autor; Niterói: Intertexto, 2001, 276 p.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia: Introdução a Ciência da Sociedade**. 3ª Ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Moderna, 2005.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Fronteiras de Tensão: Política e Violência nas Periferias de São Paulo**. São Paulo: editora Unesp; CEM: Cebrap, 2011, 376 p.

\_\_\_\_\_. **Trabalhadores e bandidos: categorias de nomeação, significados políticos**. Temáticas (Unicamp), ano15, p.11-50, 2008.

FRAGA, Paulo Denisar. **Violência: Forma de Dilaceramento do ser Social**. In: *Revista Serviço Social e Sociedade*. Ano XXIII, n. 70, junho de 2002.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. Disponível em:: [http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/1Sem\\_12.html](http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/1Sem_12.html)

GONÇALVES, Alfredo José. **Migrações Internas: Evoluções e Desafios**. In: *Revista Estudos Avançados*. Ano 15, n. 43, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

LAGO, Luciano Correa do. **Desigualdades e Segregação na Metrópole: Rio de Janeiro em Tempos de Crise**. RJ: REVAN. Fase, 2000, 240 p.

**Moradores do Parque dos Coqueiros denunciam a ocupação ilegal de terreno no bairro: Comunidade espera que o terreno seja utilizado para construção de uma universidade** Fonte: <http://in360.globo.com/rn>. Publicado em 29/12/2010 – 12:04:03.

PERES, Maria Fernanda Tourinho; CARDIA, Nanci; MESQUITA, Neto P; SANTOS PC; ADORNO, Sergio. **Homicídios, desenvolvimento socioeconômico e violência policial no Município de São Paulo, Brasil**. *Rev. Panam Salud Publica*. 2008; 23(4): 268-76.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Violência: Entre a Inclusão e a Exclusão Social**. In: *Tempo Social*; *Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 12(1): 187-200, maio de 2000.

SILVA, Alexsandro Ferreira Cardoso da. **Depois das Fronteiras: A formação dos espaços de pobreza na periferia Norte de Natal – RN**. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFRN, 2003.

Silva, Caio Cezar Gabriel e. **A confluência dos olhares: compreendendo o bairro Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN – a partir da percepção popular da segregação e da violência**. Dissertação de Mestrado: Programa Pós-graduação em Estudos Urbanos e Regionais – UFRN, 2012.

# Quando as percepções (re)configuram as periferias urbanas: os espaços do crime e os espaços do medo sob a ótica dos moradores do bairro Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN

Caio Cézar Gabriel e Silva

## Resumen

Cuando las percepciones (re)configuran las periferias urbanas: los espacios de la delincuencia y los espacios del miedo bajo la óptica de las percepciones de los habitantes del barrio Nossa Senhora da Apresentação (Natal, Río Grande del Norte)

*El barrio Nossa Senhora da Apresentação, situado en la región administrativa Norte de la ciudad de Natal, está considerado un suburbio. Tiene extensiones territoriales y demográficas significativas, y se estima el mayor barrio de la capital y de su Región Metropolitana. El lugar se constituye como un espacio urbano que concentra serios contrastes sociales, económicos y estructurales, que pasan a exteriorizarse a través de problemas locales, como el de la violencia, originando su presencia en el primer puesto de las estadísticas de tasas de homicidios de la capital. El presente trabajo, partiendo del análisis empírico de tres espacios distintos en el interior del barrio, tiene como objetivo principal analizar cómo los actores sociales que componen el día a día de Nossa Senhora da Apresentação tejen la imagen del lugar por medio de las percepciones de la segregación y de la violencia, dado que estas dos no están dissociadas en el discurso de los pobladores. El trabajo tiene como principal contribución el análisis de los impactos de esas visiones, que se hacen evidentes en la formación de estigmas sociales reproducidos en el interior del barrio, en la fragmentación del tejido social y espacial y en la formación de espacios pobres y elitistas en el interior de la comunidad abordada, confirmando la hipótesis de que estamos ante una Nueva Periferia urbana.*

**Palabras clave:** Percepciones. Violencia. Segregación. Periferia.

## Abstract

When Perceptions Shape The City Outskirts: Spaces of Crime and Spaces of Fear from the perspective of the inhabitants of the district of Nossa Senhora da Apresentação, in Natal, Brazil.

*Nossa Senhora da Apresentação, a district lying in the northern administrative region of the city of Natal, is considered a peripheral neighborhood. Both its size and demographics are remarkable, and make it the largest district in the Natal Metropolitan Area. This urban space is fraught with highly significant social, economic and structural gaps which have given rise to a wide variety of local problems, including violence. As a result, Nossa Senhora da Apresentação has become a leader in Natal's murder rate statistics. The starting point for this study was empirical analysis of three different areas in this district. The major goal of the study was to analyze how the social actors who participate in the daily life of Nossa Senhora da Apresentação weaved a tapestry of perceptions of the district based on segregation and violence, two elements that are inherent in the discourse of district dwellers. The major contribution of this study is an analysis of the impacts of these perceptions, which become manifest as social stigma is reproduced within district boundaries, the social and spatial fabric is frayed, and both low- and high-income areas emerge in this community. Finally, these developments confirm that this is the case of New City Outskirts.*

**Keywords:** Perceptions. Violence. Segregation. Outskirts.

**Data de recebimento:** 04/05/2014

**Data de aprovação:** 25/07/2014

Quando as percepções (re)configuram as periferias urbanas: os espaços do crime e os espaços do medo sob a ótica dos moradores do bairro Nossa Senhora da Apresentação – Natal/RN

Caio Cézar Gabriel e Silva